

## Heteronormatividade e homofobia na propaganda de uma hamburgueria

### Heteronormativity and homophobia in a hamburger advertisement

Marina Pedersen\*

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo a análise da propaganda de uma hamburgueria, veiculada durante o ano de 2016 na rede social *Facebook* – buscamos identificar relações entre o consumo de carnes, a heteronormatividade, a masculinidade e a homofobia. Posto isto, o modelo de masculinidade subjacente presente na propaganda é atrelado a duas características: heterossexualidade e consumo de carnes. Para que a análise fosse realizada, nas primeiras seções o artigo se dedica a explorar, em um primeiro momento, a construção dos gêneros masculino e feminino, além da hierarquização entre heterossexualidade e outras orientações sexuais. E em um segundo momento é dedicado à análise a respeito das relações entre gênero e alimentação. Ademais, na seção final, também é indicado o uso da referida propaganda em situações educacionais sobre sexualidade e gênero, pensando em uma educação sexual emancipatória comprometida com a formação de cidadãos críticos e capazes de identificar e combater situações de discriminação de gênero e sexual.

**Palavras-chave:** heteronormatividade; homofobia; consumo de carne.

**Abstract:** The purpose of this article is to analyze the advertising of a hamburger shop, broadcast during the year 2016 on the social media *Facebook* - we seek to identify relationships between meat consumption, heteronormativity, masculinity, and homophobia. That said, the underlying masculinity model present in advertising is linked to two characteristics: heterosexuality and meat consumption. For the analysis to be carried out, in the first sections the article is dedicated to exploring the construction of male and female genders, and the hierarchy between heterosexuality and other sexual orientations. In a second moment it is dedicated to the analysis regarding the relations between gender and food. Furthermore, in the final section, we indicate the use of the referred advertisement in educational situations about sexuality and gender, based on the

---

\* Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Filosofia e Ciências (UNESP/FFC).

emancipatory sexual education, which is committed to the formation critical citizens, capable of identifying and combating situations of gender and sexual discrimination.

**Keywords:** heteronormativity; homophobia; meat consumption.

## Introdução

Entendendo que há um modelo de masculinidade ideal pressuposto pela heteronormatividade, existem características consideradas próprias do homem, tais como a força, virilidade, coragem e, como veremos ao longo do trabalho, o consumo de carnes. A proposta deste artigo, além de apresentar e discutir conceitos como heteronormatividade, masculinidade, homofobia e as relações entre alimentação e gênero, é de analisar uma propaganda, vinculada na rede social *Facebook* pela hamburgueria *Mammut Burgers*. Para isso, dialogamos com o trabalho de Medeiros e Silva (2014) sobre a relação entre consumo de carnes e masculinidade ideal em peças publicitárias de *fast-food*.

O artigo é composto por quatro seções, sendo elas: 1) *Corpos, gêneros e sexualidades: a heteronormatividade* – na qual são exploradas determinações sobre o feminino e o masculino, o surgimento do conceito de homossexualidade e sua hierarquização em relação à heterossexualidade; 2) *Alimentação e gênero: a carne é um alimento masculino?* – Contendo a investigação da divisão de gênero dos alimentos e a ideia da carne enquanto alimento masculino; 3) *Análise da propaganda: o caso da hamburgueria Mammut Burgers* – que é realizada segundo a metodologia encontrada no trabalho de Medeiros e Silva (2014), identificando o modelo de masculinidade subjacente que implica na heterossexualidade e consumo de carne; e, por fim, 4) *Propaganda e a educação sexual* – na qual a propaganda é sugerida como ferramenta de ensino dentro de uma perspectiva da educação sexual emancipatória.

## Corpos, gêneros e sexualidades: a heteronormatividade

É perceptível, sejamos mulheres ou homens, que existem diferenças entre o feminino e o masculino. São diferenças físicas, de vestimentas, de comportamentos, de expectativas, de interações sociais, de responsabilidades etc. Se não forem observadas atenta e criticamente, elas podem ser consideradas naturais e imutáveis: homens são assim, mulheres sempre agem desta ou daquela forma.

A ciência do século XIX, marcada pelo positivismo, encontrou respostas para as

diferenças dos seres humanos nas ciências naturais, através de explicações físico biológicas. (FEITOSA, 2011; LOURO, 2009). Até então, nas sociedades ocidentais, não existia a ideia definida de dois corpos diferentes – o masculino e o feminino – mas sim uma concepção unitária, segundo a qual o corpo masculino era o ideal a ser alcançado, a perfeição, enquanto os corpos femininos foram considerados incompletos: eram corpos de machos com elementos faltantes (LAQUEUR, 2001). No final do século os estudos sobre corpos femininos e masculinos estouraram, encabeçados por homens, muitas vezes médicos, que orientavam suas pesquisas pelo viés da higiene, saúde e moral (LOURO, 2009):

Não é de estranhar, pois, que a linguagem e a ótica empregadas em tais definições sejam marcadamente masculinas; que as mulheres sejam concebidas como portadoras de uma sexualidade ambígua, escorregadia e potencialmente perigosa; que os comportamentos das classes média e alta dos grupos brancos das sociedades urbanas ocidentais tenham se constituído na referência para estabelecer o que era ou não apropriado, saudável ou bom. Nascia a sexologia. Inventavam-se tipos sexuais, decidia-se o que era normal ou patológico e esses tipos passavam a ser hierarquizados. Buscava-se tenazmente conhecer, explicar, identificar e também classificar, dividir, regradar e disciplinar a sexualidade. Tais mudanças não são nada banais: elas são constituídas e constituintes de outras estratégias e relações de poder. (LOURO, 2009, p. 88)

Segundo Louro (2009), a mudança do paradigma do corpo único para o de dois corpos, com dois sexos opostos, foi uma mudança não só epistemológica, mas também política. E se até aquele momento o corpo não era importante para o entendimento das relações entre mulheres, homens e as diferenças entre eles (LOURO, 2009), ele passa a ser central nas justificativas científicas, assim “nesta nova compreensão da sexualidade passava-se a prestar uma atenção especial aos corpos, às suas estruturas e características materiais e físicas” (LOURO, 2009, p. 87). Essa concepção até então hegemônica de gênero atrelado ao sexo biológico estabelecia uma ordem: o indivíduo nasce macho, vive enquanto homem e sobre essas classificações inúmeras regras morais, comportamentais, sentimentais e estéticas são impostas. O mesmo acontece com o sexo feminino, contudo com suas regras e normas próprias. E esse paradigma só é contestado na segunda metade do século XX, com a efervescência dos movimentos feministas, a partir de 1960, e dos estudos de gênero, na década de 1980 (FEITOSA, 2011).

Contudo, ainda pensando no século XIX e a na nova forma de olhar para os corpos, salientamos que é nesse período que são criadas referências hierarquizadas do que é saudável ou não, normal ou patológico, em termos de sexo e sexualidade. É também somente no século XIX que surgem os conceitos de sexualidade, homossexualidade, heterossexualidade, homossexual, heterossexual (LOURO, 2009).

Não são as práticas afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo que surgem nesse momento, uma vez que elas sempre existiram em todas as sociedades (BALIERO; RISK, 2017; FEITOSA, 2008, 2013; FIGUEIRÓ, 2007; GARTON, 2009; KING, 1998; LEÃO; DOESCHER; RIBEIRO, 2014; LOURO, 2009). Mas é a partir dessa conduta médica de classificação que as práticas ganham uma nova conotação: se antes eram entendidas como um simples acidente, um erro que poderia vir a acontecer com qualquer pessoa, agora elas eram vistas enquanto práticas de sujeitos de outra espécie (LOURO; 2009): e a partir do momento em que o sujeito homossexual é entendido como um sujeito de outra espécie (LOURO, 2009), é autorizado que sejam realizadas intervenções sobre ele, sejam elas para punir ou para mudar seu comportamento.

É só depois de já nomeada a homossexualidade que foi possível dar nome à heterossexualidade: se foi nomeado o sujeito desviante, então é necessário nomear o sujeito considerado normal. A heterossexualidade e a homossexualidade são entendidas a partir de uma interdependência de significados:

Ao dizer: *eu sou heterossexual*, um homem ou uma mulher acabam invariavelmente por ter de recorrer a algumas características ou marcas atribuídas ao homossexual, na medida em que ele ou ela precisam afirmar também o que *não são*. Do outro lado do par, o movimento será o mesmo: a homossexualidade precisa da heterossexualidade para dizer de si (LOURO, 2009, p. 89, grifos da autora)

Então são postas duas sexualidades, duas orientações sexuais, uma delas é encarada como normal, aceitável e esperável – a heterossexualidade – enquanto a outra é o seu oposto: patológica, inaceitável e indesejável – a homossexualidade.

A diferença homo/hetero não é apenas constatada; ela serve, sobretudo, para ordenar um regime de sexualidades no qual somente os comportamentos heterossexuais se qualificam como modelo social. Nessa

ordem, o sexo biológico (macho/fêmea) determina um desejo sexual unívoco (hetero), bem como um comportamento social específico (masculino/feminino). (BORRILLO, 2009, p. 17)

Há uma hierarquia entre as sexualidades e, a partir do momento em que uma delas é concebida como normalidade, esperasse que todos os indivíduos sejam conformes. Desta forma, todas as vezes que uma criança nasce com órgãos sexuais masculinos<sup>1</sup>, esperasse que se torne um menino, e que quando ele for adulto ele se relacione afetiva e sexualmente com mulheres, enquanto quando uma criança com órgãos sexuais femininos nasce, esperasse que ela cresça e seja uma menina, e que posteriormente se relacione com homens.

Esse alinhamento (entre sexo-gênero-sexualidade) dá sustentação ao processo de *heteronormatividade*, ou seja, à produção e reiteração compulsória da norma heterossexual. Supõe-se, segundo essa lógica, que todas as pessoas sejam (ou devam ser) heterossexuais – daí que os sistemas de saúde ou de educação, o jurídico ou o midiático sejam construídos à imagem e à semelhança desses sujeitos (LOURO, 2009, p. 90, grifo da autora).

A heteronormatividade não diz somente das normativas referentes à sexualidade, mas também aos gêneros, uma vez que não é possível falar de um sem falar do outro, já que estão profundamente articulados e, muitas vezes, até se misturam e se confundem (JACKSON, 2015; LOURO, 2009). A própria análise da heteronormatividade deve recair sobre ambos os aspectos, ela igualmente regula o gênero (LOURO, 2009; SEFFNER, 2013), e regula sujeitos e relações heterossexuais bem como homossexuais (JACKSON, 2015). Ela carrega uma série de expectativas sobre quais devem ser os comportamentos masculinos e quais devem ser os femininos. A masculinidade, atribuída aqueles que nascem com o sexo biológico masculino, é construída através de um processo de negação da feminilidade, suas práticas e características (BORRILLO, 2010; JUNQUEIRA, 2009, 2011, 2012; LOURO, 2009).

---

<sup>1</sup> Órgãos reprodutivos internos e externos, cromossomos, hormônios e formato do corpo. Normalmente bebês são designados para uma categoria sexual – macho ou fêmea – a partir de tais características (CATALANO; MCCARTHY; SHLASKO, 2007, tradução nossa)

Se tornar homem, ser homem, é um processo de afastamento o máximo possível de tudo que possa remeter à feminilidade:

[...] *a construção social da supremacia masculina exige a construção social da subordinação feminina. Mulher dócil é a contrapartida de homem macho. Mulher frágil é a contraparte de macho forte. Mulher emotiva é a outra metade de homem racional. Mulher inferior é a outra face da moeda do macho superior* (SAFFIOTI, 1987, p.19, grifos da autora)

É a partir dessa masculinidade forjada na negação do feminino que se pode localizar um dos pontos centrais do pensamento homofóbico: o homem *gay* é entendido como um sujeito que nega ser masculino, aproximando-se da feminilidade, do ser mulher:

Nas sociedades profundamente marcadas pela dominação masculina, a homofobia organiza uma espécie de ‘vigilância de gênero’, pois a virilidade deve se estruturar não somente em função da negação do feminino, mas também da rejeição à homossexualidade (BORRILLO, 2009, p. 22).

Nesta primeira seção, nos dedicamos ao entendimento dos conceitos de heteronormatividade e homofobia, e do modo como eles se relacionam e afetam os sujeitos. A construção da heteronormatividade, ao supor uma conformidade entre o trinômio sexo-gênero-sexualidade, reforça normas para os gêneros como também para as sexualidades, outorgando à heterossexualidade o status de normalidade e naturalidade, posição essa que tem como uma de suas consequências diretas a homofobia. Para que a análise da propaganda seja realizada, a investigação a seguir se dedica às relações estabelecidas entre alimentação e gênero, mais especificamente, sobre o consumo de carne e a masculinidade.

### **Alimentação e gênero: a carne é um alimento masculino?**

Os alimentos são inscritos com significados – sejam eles de etnicidade, nacionalidade, regionalidade, classe social, idade, sexualidade, cultura e gênero (SOBAL, 2005). A separação e caracterização dos alimentos sob o parâmetro de gênero não se dá de forma natural ou biológica, mas sim socialmente: cada sociedade, cada cultura, cada período histórico tem as suas definições de quais são alimentos masculinos e quais são

femininos (SOBAL, 2005). Ao partir de uma perspectiva de masculinidade única, Sobal (2005) examina as relações entre homens, carne e casamento, afirmando que todos os aspectos da vida humana possuem gênero, inclusive a nossa alimentação, e a “carne, especificamente carne vermelha, é um arquétipo de comida masculina” (SOBAL, 2005, p.135, tradução nossa).

Em sua investigação, Adams (2012) chega à tese da correspondência entre a violência de gênero contra mulheres e a matança de animais, através do estudo das relações existentes entre a dominância masculina e o consumo de carne – que ela chama de carnivorismo. Para Adams (2012), além da relação de gênero há uma relação de classe e poder entre os que possuem o privilégio do consumo de carne e os que não o tem:

O sexismo no consumo da carne recapitula as distinções de classe com o acréscimo de uma peculiaridade: permeia todas as classes e a mitologia de que a carne é um alimento masculino e seu consumo uma atividade masculina (ADAMS, 2012, p. 58).

Essas relações são apontadas pela autora em padrões alimentares de diversos momentos históricos, como a divisão sexual do trabalho em sociedades ditas primitivas, em que homens caçavam e mulheres coletavam, ou então na aristocracia europeia, em que aristocratas consumiam todos os tipos de carne em fartura, enquanto os trabalhadores consumiam majoritariamente carboidratos (ADAMS, 2012). A escassez de carne dentro do ambiente doméstico é um outro exemplo apontado pela autora: “[...] o homem ‘que ganha o pão’ recebia efetivamente a carne” (ADAMS, 2012, p. 61), enquanto as mulheres e crianças não. Durante as guerras do século XX, em que havia grande escassez de alimentos, o mesmo acontecia em outra escala: soldados sempre possuíam carnes em suas refeições, enquanto os civis não (ADAMS, 2012).

Há, assim, uma divisão social de gênero entre os alimentos, a partir da qual as carnes – principalmente as vermelhas – são consideradas alimentos masculinos, enquanto são classificados como alimentos femininos as frutas, vegetais, grãos, laticínios (ADAMS, 2012; FONSECA, 2017; MEDEIROS e SILVA, 2014; SOBAL, 2005).

Existem também outras características tipicamente esperadas na masculinidade, que são associadas ao consumo de carnes, como a força, a virilidade, a violência (ADAMS, 2012; SOBAL, 2005). Ressaltamos que todas essas características não são aspectos biologicamente determinados, já que o gênero – e as atribuições, deveres e proibições

próprias do masculino ou do feminino – também são aspectos construídos histórica e socialmente. Contudo, esse paradigma só é colocado na segunda metade do século XX, já que até este momento era hegemônica a concepção de gênero atrelado ao sexo biológico: o indivíduo nasce macho, vive enquanto homem e sobre essas classificações inúmeras regras morais, comportamentais, sentimentais e estéticas são impostas. O mesmo acontece com o sexo feminino, contudo com suas regras e normas próprias. Os estudos de gênero apresentam novas perspectivas que se afastam de aspectos físicos e biológicos, buscando novas interpretações para os papéis de “homem” e “mulher” que se constituem de maneiras diferentes conforme o tempo, espaço e culturas em que estão inseridos (FEITOSA, 2011).

Se partimos da ideia de que “a masculinidade de um sujeito é afirmada pelo que ele come” (ADAMS, 2012, p. 68), que tipo de masculinidade é afirmada por homens que não consomem carnes? Ou então por aqueles homens que pelo menos não consomem carnes vermelhas? Ao se absterem do consumo de carnes, homens são colocados em uma posição de não masculinidade, são julgados efeminados, menos homens, maricas, boiolas (ADAMS, 2012; SOBAL, 2005). Eles negam uma característica que lhes confere masculinidade:

O vegetarianismo proporciona uma identidade que transgride a masculinidade nas sociedades ocidentais, com a total rejeição do ícone masculino de comedor de carne associado a identidades femininas, frágeis ou até mesmo gays. [...] Com algumas exceções, a maioria dos homens vegetarianos é marginalizada e, portanto, tem que fazer esforços extras para gerenciar o gênero em relação a suas identidades vegetarianas (Beardsworth e Keil, 1992; Maurer, 1995) (SOBAL, 2005, p. 141, tradução nossa)

Além de associar esses homens às mulheres, surge também a suposição de que são homossexuais. Ambas essas categorias – mulheres e homens homossexuais – são colocadas em um patamar abaixo do homem que segue os ideais de masculinidade, são inferiores a esse.

**Análise de uma propaganda: o caso da hamburgueria *Mamutt Burgers***

Entendendo que as mídias são ferramentas de disseminação de representações sociais construídas e reforçadas para a manutenção de uma ordem social (FONSECA, 2017.; MEDEIROS e SILVA, 2014.), o ponto central desse artigo para articular os debates supramencionados sobre consumo de carnes, heteronormatividade e homofobia, é uma propaganda da hamburgueria *Mamutt Burgers*, no interior do estado de São Paulo, veiculada através da página da lanchonete na rede social *Facebook*, no ano de 2016.

Podemos visualizar a propaganda em questão na *Imagem 01*, que é composta por 3 frases e 2 imagens que se agregam ao formular a mensagem completa. Na propaganda lemos a princípio a frase “Se o seu namorado prefere:” seguida da imagem de *sushis*, a segunda frase “Ao invés de:” é seguida da fotografia de fatias de *bacon*, e a propaganda é finalizada com a frase “Ele também tem um namorado”. Ao reescrever a mensagem da propaganda em uma só frase, sem o uso visual das imagens que a compões poderíamos chegar a um resultado parecido com “Se o seu namorado prefere *sushi* ao invés de *bacon*, ele também tem um namorado”. A propaganda pode ser visualizada a seguir:

**Imagem 01:** Propaganda *Mamutt Burgers*



Fonte: site iGay<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Disponível em: <https://igay.ig.com.br/2016-06-07/hamburgueria-faz-propaganda-homofobica-e-e-criticada-nas-redes-sociais.html> Acesso em Setembro de 2020.

A propaganda surtiu efeito na rede social e os usuários acusaram a hamburgueria de homofobia<sup>3</sup>, já que a mensagem transmitida através desta propaganda é a de que caso um homem prefira comer comida de origem japonesa, culinária tradicionalmente baseada no uso de carne branca de peixes, no lugar de bacon – pedaço de carne de porco – ele provavelmente é homossexual.

Uma análise da relação entre o consumo de carne e a masculinidade ideal presentes em propagandas de *fast-food* foi realizada por Medeiros e Silva (2014) através da análise de 6 peças publicitárias de 2 redes alimentícias. Para a análise as autoras elencaram duas categorias – os elementos que compõe a imagem e as representações de masculinidade – que foram observadas para responder as seguintes questões: 1) *Quais as referências utilizadas nas imagens?* 2) *Qual o ideal de masculinidade que as propagandas evocam?* 3) *Qual a relação entre consumo de carne e o ideal de masculinidade subjacente?* (MEDEIROS; SILVA, 2014).

Nas propagandas analisadas as autoras identificaram um modelo de masculinidade a ser seguido, que engloba características como a virilidade, força, coragem, conquista, poder, atitude, ação e também o consumo de carnes. As propagandas eram ilustradas com imagens de hambúrgueres e também de figuras masculinas – ou menções a elas – como super-heróis ou lutadores. Segundo as autoras:

[A] análise dos anúncios publicitários das empresas de *fast-food* mostram como o consumo de carne está vinculado a um ideal de masculinidade. Tal qual a carne fazia parte da alimentação dos nobres, sendo rara na mesa dos menos favorecidos, nas peças publicitárias analisadas identificamos que a carne é destinada aos homens de verdade, uma classe nobre, podendo ser classificada como um símbolo do patriarcado (RUBY; HEINE, 2011. ADAMS, 2012) (MEDEIROS e SILVA, 2014, p. 619).

De acordo com a metodologia encontrada em Medeiros e Silva (2014), analisamos a propaganda da *Mamutt Burgers* através das 3 questões centrais, de forma que “as duas categorias analíticas, quais sejam, os elementos que compõem as imagens e as representações da masculinidade, foram analisadas em conjunto para identificar a

---

3 Disponível em: [http://portal.tododia.uol.com.br/\\_conteudo/2016/06/cidades/112191-internautas-acusam-empresa-de-homofobia.php](http://portal.tododia.uol.com.br/_conteudo/2016/06/cidades/112191-internautas-acusam-empresa-de-homofobia.php) e <https://igay.ig.com.br/2016-06-07/hamburgueria-faz-propaganda-homofobica-e-e-criticada-nas-redes-sociais.html> Acesso em Dezembro de 2018.

associação entre as representações de masculinidade e o consumo de carne” (MEDEIROS; SILVA, 2014, p. 608).

*Quais as referências utilizadas nas imagens? Os sushis são uma referência não só à culinária japonesa, mas sim a pratos, no geral, que não envolvem carne vermelha. O bacon, por sua vez, não é associado à essa culinária, mas sim aos produtos que a propaganda pretende vender: hambúrgueres feitos de carne vermelha. Na propaganda as imagens – o conjunto de *sushi* e o conjunto de tiras de *bacon* – são apresentadas de forma a complementarem as frases postas anteriormente às mesmas, transmitindo a ideia de que, se o homem prefere comer comida japonesa à comer *bacon*, ele provavelmente é homossexual.*

*Qual o ideal de masculinidade que as propagandas evocam e qual a relação entre consumo de carne e o ideal de masculinidade subjacente? Ao contrário das propagandas selecionadas por Medeiros e Silva (2014), a propaganda não faz referência explícita às características da masculinidade como a força, virilidade, coragem etc. Já a ideia subjacente de que homens devem ingerir carne vermelha está presente, sugerindo uma masculinidade que come carne. Contudo esta propaganda permite identificar mais uma característica essencial para a masculinidade que não está presente nas propagandas analisadas por Medeiros e Silva (2014): a heteronormatividade.*

Quando Louro (2009) afirma que o sistema midiático será produzido à imagem e semelhança dos sujeitos heterossexuais, ela diz que as propagandas não mostraram *gays* ou lésbicas, porque a sociedade não deseja que as pessoas sejam homossexuais. Quando a figura do homem *gay* é sugerida na propaganda do *Mamutt Burgers*, não é como figura central, não é como consumidor ideal do produto da hamburgueria, uma vez que a propaganda sugere que homens que preferem *sushi* a *bacon* são homossexuais, ela fez uma tentativa de piada, em que a personagem alvo é o homem, e o motivo da comicidade é ele ser supostamente homossexual por não preferir o consumo de carne.

A homofobia é um fenômeno complexo e variado, podendo se expressar de diversas maneiras, das mais amenas às mais brutais e explícitas (BORRILLO; 2009, 2010). A ridicularização e piadas sobre sujeitos homossexuais é uma das formas que a homofobia se expressa. Se a homofobia permite a denúncia dos desvios e deslizos do masculino em direção ao feminino e vice-versa (BORRILLO; 2009, 2010), nesta propaganda o desvio em direção à feminilidade é a negação da carne. Tratar alguém como homossexual – seja essa pessoa homossexual de fato ou não – é apontar que essa pessoa traiu o seu gênero

(BORRILLO, 2009, p. 22), trair a masculinidade, neste contexto, é negar o consumo de carne e a heterossexualidade. Então, temos duas as características da masculinidade presentes na propaganda: o homem deve comer carne e deve ser heterossexual.

### Propaganda e a educação sexual

Educação sexual diz respeito ao “modo como construímos nossos valores sexuais e morais” (MAIA; RIBEIRO, 2011, p.76). Esses valores são constituídos de forma multifatorial, a partir de experiências pessoais, discursos familiares, religiosos, midiáticos, literários, etc. Desta forma podemos entender que a educação sexual não tem espaço exclusivo para acontecer, ela se dá em casa, na escola, na igreja, nos hospitais e consultórios médicos, na comunidade, no consumo de mídias, entre tantos outros espaços. A educação sexual são os diversos meios, abordagens e formas através dos quais é possível aprender e apreender sobre sexualidade.

Nesse sentido, cabe destacar a divisão entre educação sexual formal e informal. A primeira é aquela para a qual o adulto – seja ele um educador, profissional da saúde, pai ou responsável de uma criança – se planeja, se prepara e executa uma ação intencionalmente educativa. Ela “[...] compreende as intervenções deliberadas, sistemáticas, em geral regulares e planejadas, relativas ao domínio da vida sexual” (WEREBE, 1998, p. 155 apud FIGUEIRÓ, 2001, p. 46). Quando um professor pesquisa e prepara materiais didáticos para abordar a prevenção de gravidez e de transmissão de ISTs para seus estudantes, essa é uma ação de educação sexual formal. Quando uma mãe compra um livro para explicar aos seus filhos de onde vem os bebês, essa também é uma ação de educação sexual formal. Mesmo que a nomenclatura possa nos remeter a um tipo específico de educação sexual que se dá em espaços formais de ensino-aprendizagem, como uma escola, Figueiró (2007) destaca que essa maneira não é restrita a um ambiente escolar, mas sim que é uma ação planejada, sistematizada e intencional de educar sexualmente.

A educação sexual informal, por sua vez, acontece quando não há a intenção de executar uma ação educativa, por assim dizer. Ela acontece através das interações do cotidiano, das conversas, dos gestos, das piadas, das brincadeiras, posturas, formas de encarar situações cotidianas, valores e ideias (FIGUEIRÓ, 2017). Desta maneira

Sempre que interagimos com uma pessoa, seja ela, criança, adolescente, adulto ou idoso, e lhe ensinamos algo (mesmo que não intencionalmente) a respeito da sexualidade, do corpo e do relacionamento humano, estamos educando sexualmente. Assim, ensinamos por meio de nossas atitudes, de nossos exemplos, de nossa forma de nos relacionarmos com o outro e de como nos portamos como homens ou como mulheres (FIGUEIRÓ, 2007, p. 26)

A Educação Sexual é realizada em diversos espaços e por diversos sujeitos – profissionais da saúde, familiares, líderes religiosos, professores. Quando acontece na área da educação, na escola, ela deve abranger “[...] além das temáticas preventivas como saúde sexual e reprodutiva, discussões que incluam os relacionamentos sociais a cidadania e os direitos humanos, incluindo o respeito à diversidade” (MAIA; RIBEIRO, 2011, p. 81). Desta forma, é importante ressaltar que ela não deve se restringir apenas às expectativas individuais e pessoais dos educandos, mas deve ter uma preocupação social mais ampla.

Segundo Figueiró (2007), apenas uma concepção mais ampla e socialmente significativa da Educação Sexual será capaz de possibilitar uma educação em um contexto de combate à discriminação sexual e promoção da cidadania homossexual

A Educação Sexual só poderá contribuir para o combate à homofobia se estiver, primeiro, fundamentada em uma abordagem comprometida com a transformação social e, segundo, se estiver atrelada à educação para autonomia intelectual e moral, na qual os educandos aprendam a ser sujeitos de sua sexualidade, tomando decisões e fazendo escolhas, com liberdade e responsabilidade. O respeito à diversidade só será construído se for pautado numa educação baseada em valores, envolvendo a justiça, a igualdade, a solidariedade, a integridade, o auto-respeito e o respeito incondicional ao outro (FIGUEIRÓ, 2007, p. 62).

Pensando uma educação sexual emancipatória (FIGUEIRÓ, 2007), que vise a não só uma melhor qualidade de vida sexual e social dos indivíduos em suas práticas e crenças pessoais, como também a educação sexual para a produção do sujeito socialmente engajado, capaz de identificar preconceitos e injustiças a cerca da sexualidade e dos gêneros, e produzindo “[...] “respeito às diferenças, respeito pela minoria e combate a toda

situação de opressão e de violência sexuais” (FIGUEIRÓ, 2007, p. 60) é possível utilizar a propaganda da *Mamutt Burgers* na Educação Sexual.

A propaganda pode ser uma boa ferramenta para o início de uma discussão. A partir dessa única propaganda é possível fomentar o debate sobre diversos aspectos, embora todos eles tenham profundas relações uns com os outros, como gênero, masculinidade, heterossexualidade e homossexualidade, homofobia, discriminação, etc.

A propaganda coloca a homossexualidade como indesejável para o homem “de verdade”. Alguns questionamentos podem ser feitos: *por que a propaganda sugere humor ao dizer que homem que não come carne é homossexual? É verdade que pessoas que não comem carne são homossexuais? Por que a homossexualidade é colocada como motivo de riso?*

Tais questões devem ser feitas pautando a homossexualidade como uma das formas que a sexualidade humana se manifesta, tão legítima quanto a heterossexualidade (BORRILLO, 2009.) e que não deve ser alvo de discriminação, preconceito ou violência.

### Considerações finais

Os papéis de gênero são aspectos socialmente construídos, logo, suas formas mudam conforme momentos históricos, sociedades e culturas específicas. O modelo hegemônico de masculinidade nas sociedades ocidentais contemporâneas comporta algumas características como a força, a virilidade, a heterossexualidade, entre outras. Constatamos que o consumo de carnes também é uma característica associada à masculinidade, e que homens que recusam esse consumo são considerados, muitas vezes, homossexuais. Nesse sentido a homossexualidade masculina é considerada degradante, uma traição de gênero e aproximação do feminino.

A propaganda da hamburgueria *Mamutt Burgers* sugere comicidade na imagem do homem que prefere comida japonesa a *bacon*, como se este fosse motivo suficiente para que ele fosse homossexual. Aqui é possível identificar um alinhamento pressuposto entre masculinidade, heterossexualidade e consumo de carnes, em que a figura do homossexual é motivo de riso – em uma sociedade que tem as piadas como uma das facetas da homofobia. A mesma propaganda pode ser utilizada como ferramenta educativa, usada como ponto de partida para discussões sobre gênero, diversidade sexual e discriminação, a partir de uma perspectiva de Educação Sexual emancipatória que visa o cidadão crítico e combativo em relação a situações de violência e injustiças.

## Referências

ADAMS, Carol. **A política sexual da carne: A relação entre o carnivorismo e a dominância masculina**. 1. ed. São Paulo: Alaúde Editorial, 2012.

BALIEIRO, Fernando de Figueiredo; RISK, Eduardo Name. Escola e sexualidades: uma visão crítica à normalização. In: MISKOLCI, Richard; LEITE JÚNIOR, Jorge. (org) **Diferenças na educação: outros aprendizados**. EDUFSCAR: São Carlos, 2014. p. 153-205

BORRILLO, Daniel. A Homofobia. In: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora. (org) **Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: LetrasLivres: EdUnB, 2009.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CATALANO, Chase; MCCARTHY, Linda; SHLASKO, Davey. Transgender oppression curriculum design. In: Teaching for diversity and social justice. 2a ed., Eds. Adams, Bell e Griffing, Routledge, 2007

DEBAS, Ana Cristina Bacega.; PELLENZ, Mayara. **Breves reflexões sobre dominação masculina e carnivorismo**. 2014.

FEITOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. Antropologia de Gênero: reflexões e perspectivas. In: BARROS JÚNIOR, Walter Ribeiro. et al (Orgs.) **Antropologia**. Uma reflexão sobre o homem. São Paulo: Edusc, 2011.

FEITOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. Gênero e Sexualidade no mundo romano: a antiguidade em nossos dias. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 48/49, p. 119-135, 2008.

FEITOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. **Antropologia de Gênero: reflexões e perspectivas**. In: BARROS, JR, Walter R. et al (Orgs.) **Antropologia**. Uma reflexão sobre o homem. São Paulo: Edusc, 2011.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **A formação de educadores sexuais: possibilidades e limites**. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2001.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Homossexualidade e Educação Sexual: construindo o respeito à diversidade**. Londrina: UEL, 2007.

FONSECA, Rui Pedro. A construção de masculinidades através da ‘carne vermelha’: dois casos de estudo na publicidade portuguesa. **Revista Tropos**, v. 6, n. 2, Dez./2017.

GARTON, Stephen. **História da Sexualidade: da antiguidade à revolução sexual**. Estampa, Lisboa: 2009.

JACKSON, Stevi. Gender, sexuality and heterosexuality: The complexity (and limits) of heteronormativity. *Feminist Theory*, v. 7, pp. 105-121, London, Thousand Oaks e Dew Delhi, 2015.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar: a pedagogia do armário. In: SILVA, Fabiane Ferreira da Silva.; BELLO, Elena Maria Bilig. (orgs.) **Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação.** – Uruguaiana, RS: UNIPAMPA, 2011.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia nas escolas: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, Fernando Diniz. (org.) **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia na escola.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 13-52.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Pedagogia do armário e currículo em ação: heteronormatividade, heterossexismo e homofobia no cotidiano escolar. MILSKOLCI, Richard (Org.). **Discursos fora da Ordem: deslocamentos, reinvenções e direitos.** São Paulo: Annablume, 2012. (Série Sexualidades e Direitos Humanos).

KING, Helen. Preparando o terreno: sexologia greca e romana. In: PORTER, Roy; TEICH, Mikulás. (org) **Conhecimento sexual, ciência sexual: a história das atitudes em relação à sexualidade.** São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998.

LEÃO, Andreza Marques de Castro; DOESCHER, Andréa Marques Leão; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal Ribeiro. Preconceito na escola: caminhos para enfrentar a homofobia e a discriminação de gênero. In: MAGALHÃES, Joanalira Corpes; RIBEIRO, Paula Regina Costa (org.) **Educação para a sexualidade.** Rio Grande: Ed. da FURG, 2014.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e Homofobia. In: JUNQUEIRA, Fernando Diniz. (org.) **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi.; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Educação sexual: princípios para ação. *Doxa*, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011.

MEDEIROS, Cintia Rodrigues de Oliveira; SILVA, Nicemara Cardoso. Homem de verdade: apelo a um ideal de masculinidade em propagandas de *fast food*. **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 594-634, dez. 2014.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho.** São Paulo: Moderna, 1987.

SEFFNER, Fernando. Sigam-me os bons: Apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 39, n.1, p. 145-159, jan./mar. 2013

SOBAL, Jeffery. Men, meat, and marriage: models of masculinity. *Food & Foodways*, London, v. 13, n. 1, pp.135-158, 2005.

